

A leitura como prática libertadora: a pedagogia crítica de bell hooks em diálogo com a formação leitora

La lectura como práctica liberadora: la pedagogía crítica de bell hooks en diálogo con la formación lectora

Thayná Candido Gomes¹

Patrícia Moura²

Resumo

A leitura literária, compreendida como prática estética, social e política, constitui um elemento essencial para a formação de sujeitos críticos e sensíveis em contextos educacionais marcados por desigualdades. Este trabalho reflete sobre as aproximações entre a pedagogia crítica de bell hooks (2013) e os estudos sobre leitura e letramento literário de Zilberman (2012), Lajolo (2008), Colomer (2007) e Cosson (2014), defendendo a leitura como prática contra-hegemônica e libertadora. A pedagogia de hooks (2013) propõe uma educação engajada e afetiva, que rompe com o modelo autoritário e bancário, valorizando a escuta, o afeto e a construção coletiva do conhecimento a partir de uma perspectiva interseccional. Nessa concepção, a escola deve acolher a pluralidade de experiências, tornando-se espaço de diálogo, conflito respeitoso e transformação. Em diálogo com Lajolo (2008) e Zilberman (2012), evidencia-se a leitura como prática formativa e social, capaz de ampliar a consciência crítica dos sujeitos. Colomer (2007) enfatiza a literatura como via de encontro com o outro e com a pluralidade, enquanto Cosson (2014) defende o letramento literário como política pedagógica que articula experiência estética e reflexão crítica. Assim, a literatura se afirma como espaço de alteridade e de acolhimento das vozes historicamente silenciadas, mobilizando processos de resistência e emancipação. Nesse horizonte, o professor deixa de ser mero transmissor de conteúdos e assume a função de mediador cultural e agente político, criando condições para que a leitura literária se realize como experiência ética, estética e transformadora. Conclui-se que a articulação entre a pedagogia crítica de hooks (2013) e os estudos de leitura e letramento literário (Zilberman, 2012; Lajolo, 2008; Colomer, 2007; Cosson, 2014) fortalece uma prática docente comprometida com a diversidade, a justiça social e a invenção de futuros possíveis, reafirmando a leitura como ato de resistência e liberdade.

Palavras-Chave: leitura literária; bell hooks; pedagogia crítica; formação leitora; letramento literário.

Resumen

La lectura literaria, comprendida como práctica estética, social y política, constituye un elemento esencial para la formación de sujetos críticos y sensibles en contextos educativos marcados por desigualdades. Este trabajo reflexiona sobre las aproximaciones entre la pedagogía crítica de bell hooks (2013) y los estudios sobre lectura y literacidad literaria de Zilberman (2012), Lajolo (2008), Colomer (2007) y Cosson (2014), defendiendo la lectura como práctica contrahegemónica y liberadora. La pedagogía de hooks (2013) propone una educación comprometida y afectiva, que rompe con el modelo autoritario y bancario, valorizando la escucha, el afecto y la construcción colectiva del conocimiento desde una perspectiva interseccional. En esta concepción, la escuela debe acoger la pluralidad de experiencias, convirtiéndose en un espacio de diálogo, conflicto respetuoso y

¹ Mestranda em Educação; Pedagoga; Universidade Federal do Pampa - Unipampa; Jaguarão, Rio Grande do Sul, Brasil; thayna.candidogomes@gmail.com

² Doutora em Educação; Programa de Pós Graduação em Educação - PPGEDU Unipampa; Jaguarão, Rio Grande do sul, Brasil; patriciapinho@unipampa.edu.br

transformación. En diálogo con Lajolo (2008) y Zilberman (2012), se evidencia la lectura como práctica formativa y social, capaz de ampliar la conciencia crítica de los sujetos. Colomer (2007) enfatiza la literatura como vía de encuentro con el otro y con la pluralidad, mientras que Cosson (2014) defiende la literacidad literaria como política pedagógica que articula experiencia estética y reflexión crítica. Así, la literatura se afirma como espacio de alteridad y acogida de voces históricamente silenciadas, movilizandolos procesos de resistencia y emancipación. En este horizonte, el docente deja de ser mero transmisor de contenidos y asume la función de mediador cultural y agente político, creando condiciones para que la lectura literaria se realice como experiencia ética, estética y transformadora. Se concluye que la articulación entre la pedagogía crítica de hooks (2013) y los estudios de lectura y literacidad literaria (Zilberman, 2012; Lajolo, 2008; Colomer, 2007; Cosson, 2014) fortalece una práctica docente comprometida con la diversidad, la justicia social y la invención de futuros posibles, reafirmando la lectura como acto de resistencia y libertad.

Palabras claves: lectura literaria; bell hooks; pedagogía crítica; formación lectora; literacidad literaria

1. Introdução

A leitura literária, quando compreendida como prática estética, social e política, possui um papel fundamental na formação de sujeitos críticos e sensíveis. Em um cenário educacional ainda marcado por desigualdades estruturais, práticas pedagógicas comprometidas com a transformação social tornam-se urgentes. Nesse contexto, a pedagogia de bell hooks (2013) propõe uma educação engajada, afetiva e libertadora, em que o ato de ensinar se torna um espaço de escuta, diálogo e emancipação. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre os possíveis encontros entre a pedagogia crítica de bell hooks (2013) e os estudos sobre leitura e letramento literário desenvolvidos por Zilberman (2012), Lajolo (2008), Colomer (2007) e Cosson (2014), defendendo a leitura literária como prática contra-hegemônica, capaz de promover uma formação leitora ética, plural e transformadora.

2. Leitura como práxis: contribuições teóricas para uma educação emancipadora

A pedagogia de bell hooks (2013) parte da recusa do modelo tradicional e autoritário de ensino e propõe uma prática que se constrói a partir do afeto, da escuta e da responsabilização coletiva. Ensinar, para a autora, é um ato político e performativo, que só é possível mediante a escuta ativa e o reconhecimento das experiências e das subjetividades de cada educando. Sua crítica à educação bancária freiriana se aprofunda em uma abordagem interseccional, na qual raça, gênero e classe precisam ser considerados como constitutivos do processo pedagógico. Nesse sentido, a sala de aula deve ser um espaço seguro para a troca, o conflito respeitoso e a transformação. O conhecimento, segundo hooks (2013), é uma possibilidade de cura e libertação, especialmente quando produzido e compartilhado de maneira horizontal.

A leitura literária, compreendida como prática social e formativa, também é concebida por autores como Lajolo (2008, p.15) que afirma que “ou o texto dá sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum”. E o mesmo pode se dizer de nossas aulas” como processo de construção de sentido, atravessado por mediações culturais e afetivas, que Zilberman (2012, p.28) se refere ao dizer que

a atividade com a literatura infantil - e, por extensão, com todo o tipo de obra de arte ficcional - desemboca num exercício de hermenêutica, uma vez que é mister dar relevância ao processo de compreensão, complementar à recepção, na medida em que não apenas evidencia a captação de um sentido, mas as relações que existem entre essa significação e a situação atual e histórica do leitor.

Colomer (2007), por sua vez, destaca o papel da literatura como via de acesso ao simbólico e ao outro, promovendo o encontro com a pluralidade. Cosson (2014) ao propor o letramento literário como política de formação leitora, enfatiza a importância da mediação intencional, da rotina de leitura e da articulação entre experiência estética e reflexão crítica, Cosson (2021, p.19) afirma que “ler na escola é exercitar publicamente o diálogo da leitura”. Esses autores contribuem para uma compreensão ampliada da leitura como prática que vai além da decodificação de textos e que permite ao leitor posicionar-se no mundo com maior consciência e sensibilidade.

Ao aproximarmos esses autores das ideias de bell hooks (2013), percebemos que a leitura literária, quando mediada com intencionalidade e cuidado, pode tornar-se instrumento de resistência. A escuta da experiência, defendida por hooks (2013), se encontra com a valorização da subjetividade e do imaginário proposta por Zilberman (2012) e também por Lajolo (2008, p.106) ao fazer a seguinte afirmação:

É à literatura, como linguagem e como instituição que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos.

A mediação leitora como ato ético de Cosson (2014) dialoga com a educação como prática de liberdade de hooks, e a literatura como espaço de alteridade de Colomer (2007) amplia-se como território de acolhimento das vozes plurais e marginalizadas. Assim, a leitura torna-se uma prática contra-hegemônica, sobretudo quando propõe o acesso a narrativas que

historicamente foram silenciadas e quando reconhece o potencial político e afetivo dos textos literários.

3. Considerações finais

Nesse horizonte, o papel do professor ganha centralidade: ele deixa de ser mero transmissor de conteúdos e assume a posição de mediador cultural e agente político. A biblioteca escolar e os espaços de leitura se tornam, então, lugares de encontro, escuta e insurgência. A prática docente, pautada pela pedagogia do cuidado e do afeto, deve criar possibilidades para que os estudantes não apenas leiam o mundo, mas também o ressignifiquem.

Conclui-se que a articulação entre a pedagogia crítica de bell hooks (2013) e os estudos sobre leitura literária amplia as possibilidades de formação leitora e desafia a escola a assumir um compromisso ético com a diversidade, a justiça e a sensibilidade. A leitura, compreendida como experiência estética e política, é potência de transformação, não apenas individual, mas coletiva, e se inscreve como ato de resistência, liberdade e invenção de futuros possíveis.

Referências

- COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Porto Alegre: Global, 2007.
- COSSON, R. *Como criar círculos de leitura na sala de aula*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2021.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- HOOKS, b. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade*. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. 6. ed., 13ª reimpressão. São Paulo: Ática, 2008.
- ZILBERMAN, R. *A Literatura Infantil na Escola*. 11. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Global, 2012.